

1. Evolução histórica

A Educação de Adultos é uma prática tão antiga quanto a história da raça humana, ainda que só recentemente ela tem sido objeto de pesquisa científica. A nossa herança cristã, por exemplo, com cerca de dois mil anos, apresenta no Livro Sagrado, fartos exemplos de relacionamento educacional adulto através dos patriarcas, sacerdotes e o próprio Jesus Cristo que foi, por excelência, o maior educador de adultos de todos os tempos. Ele foi tão efetivo que, mesmo com uma clientela tão mista de aprendizes - analfabetos e doutores, conseguir resultados que até hoje continua transformando pessoas no mundo inteiro com a sua mensagem. Cristo sempre usou parábolas para provocar a reflexão e ação nos seus seguidores a respeito dos princípios dos seus ensinamentos. Seus discípulos eram desafiados, constantemente, a formularem uma estruturação mental própria para terem acesso ao significado das suas mensagens. A porção bíblica abaixo evidencia este fato:

"Duro é este discurso, quem o pode ouvir?... Então perguntou Jesus aos doze: Porventura quereis também vós outros retirar-vos? Respondeu-lhe Simão Pedro: Senhor, para onde iremos? Tu tens as palavras de vida eterna; e nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus." João 6:60

Outros na antigüidade, como Confúcio e Lao Tse na China; Aristóteles, Sócrates e Platão na Grécia antiga; Cícero, Evelid e Quintillian na antiga Roma, foram também exclusivos educadores de adultos. A percepção desses grandes pensadores quanto à aprendizagem, era de que ela é um processo de ativa indagação e não de passiva recepção de conteúdos transmitidos. Por isso suas técnicas educacionais desafiava o aprendiz para a indagação.

Os gregos, por sua vez, inventaram o que se chama de Diálogo de Sócrates, no qual o líder, ou algum outro membro de grupo, apresenta seu pensamento e experiência para, a partir daí, os liderados buscarem solução para um determinado assunto. Os romanos, por outro lado, foram mais confrontadores. Eles usavam desafios para forçarem os membros de um grupo tomarem posição em defesa própria.

Apesar dos referenciais da antigüidade acima, a história explícita da Andragogia tem suas raízes na pedagogia e por isso temos que resgatar um pouco da sua memória evolutiva.

No começo do século VII, foi iniciada na Europa escolas para o ensino de crianças, cujo objetivo era - preparar jovens rapazes para o serviço religioso - eram as conhecidas Catedrais ou Escolas Monásticas. Os professores dessas escolas tinham como missão a doutrinação dos jovens na crença, fé e rituais da igreja. Eles ajuntaram uma série de pressupostos sobre aprendizagem, ao que denominaram de "pedagogia"- a palavra, literalmente, significa "a arte e ciência de ensinar crianças" (A etimologia da palavra é grega: "paido", que significa *criança*, e "agogus" que significa *educar*). Esse modelo de educação monástico foi mantido através dos tempos até o século XX, por não haver estudos aprofundados de sua inadequação para outras faixas etárias que não a infantil. Infelizmente ele veio a ser a base organizacional de todo o nosso sistema educacional, incluindo o empresarial. Entretanto, logo após a Primeira Guerra Mundial, começou a crescer nos Estados Unidos e na Europa um corpo de concepções diferenciadas sobre as características do aprendiz adulto. Mais tarde, após o intervalo de duas décadas, essas concepções se desenvolveram e assumiram o formato de teoria de aprendizagem, com o suporte das idéias dos pensadores a seguir.

Eduard C. Lindeman (USA) foi um dos maiores contribuidores para pesquisa da educação de adultos através do seu trabalho "The Meaning of Adult Education" publicado em 1926. Suas idéias eram fortemente influenciadas pela filosofia educacional de John Dewey:

"... a educação de adulto será através de situações e não de disciplinas. Nosso sistema acadêmico cresce em ordem inversa: disciplinas e professores constituem o centro educacional. Na educação convencional é exigido do estudante ajustar-se ao currículo estabelecido; na educação de adulto o currículo é construído em função da necessidade do estudante. Todo adulto se vê envolvido com situações específicas de trabalho, de lazer, de família, da comunidade, etc. - situações essas que exigem ajustamentos. O adulto começa nesse ponto. As matérias (disciplinas) só devem ser introduzidas quando necessárias. Textos e professores têm um papel secundário nesse tipo de educação; eles devem dar a máxima importância ao aprendiz." (Lindman, 1926, pp. 8-9).

"... a fonte de maior valor na educação de adulto é a *experiência do aprendiz*. Se educação é vida, vida é educação. Aprendizagem consiste na substituição da experiência e conhecimento da pessoa. A psicologia nos ensina que, ainda que aprendemos o que fazemos, a genuína educação manterá o fazer e o pensar juntos.... A experiência é o livro vivo do aprendiz adulto." (Ibid., pp. 9-10)

"Ensino autoritário; exames que predeterminam o pensamento original; fórmulas pedagógicas rígidas - tudo isto não tem espaço na educação de adulto... Adultos que desejam manter sua mente fresca e vigorosa começam a aprender através do confronto das situações pertinentes. Buscam seus referenciais nos reservatórios de suas experiências, antes mesmo das fontes de textos e fatos secundários. São conduzidos a discussões pelos professores, os quais são, também, referenciais de saber e não oráculos. Isto tudo constitui os mananciais para a educação de adultos, o moderno questionamento para o significado da vida." (Ibid., pp.10-11)

"Uma das grandes distinções entre a educação de adultos e a educação convencional é encontrada no processo de aprendizagem em si mesmo. Nenhum outro, senão o humilde pode vir a ser um bom professor de adultos. Na classe do estudante adulto a experiência tem o mesmo peso que o conhecimento do professor. Ambos são compartilhados par-a-par. De fato, em algumas das melhores classes de adultos é difícil de se distinguir quem aprende mais: se o professor ou o estudante. Este caminho duplo reflete também na divisão de autoridade. Na educação convencional o aluno se adapta ao currículo oferecido, mas na educação de adulto, o aluno ajuda na formulação do currículo... Sob as condições democráticas, a autoridade é do grupo. Isto não é uma lição fácil, mas enquanto não for aprendida, a democracia não tem sucesso." (Ibid., pp.166)

Lindeman identificou, pelo menos, cinco pressupostos-chave para a educação de adultos e que mais tarde transformaram-se em suporte de pesquisas. Hoje eles fazem parte dos fundamentos da moderna teoria de aprendizagem de adulto:

1. Adultos são motivados a aprender à medida em que experimentam que suas necessidades e interesses serão satisfeitos. Por isto estes são os pontos mais apropriados para se iniciar a organização das atividades de aprendizagem do adulto.

2. A orientação de aprendizagem do adulto está centrada na vida; por isto as unidades apropriadas para se organizar seu programa de aprendizagem são as situações de vida e não disciplinas.

3. A experiência é a mais rica fonte para o adulto aprender; por isto, o centro da metodologia da educação do adulto é a análise das experiências.

4. Adultos têm uma profunda necessidade de serem autodirigidos; por isto, o papel do professor é engajar-se no processo de mútua investigação com os alunos e não apenas transmitir-lhes seu conhecimento e depois avaliá-los.

5. As diferenças individuais entre pessoas cresce com a idade; por isto, a educação de adultos deve considerar as diferenças de estilo, tempo, lugar e ritmo de aprendizagem.

Muitos outros estudos foram continuados por vários pesquisadores, entre os quais Edward L. Thorndike (*The Adult Learning* -1928/USA), Lawrence P. Jacks (*Journal of Adult Education*-1929/Inglaterra).

Até 1940, apesar de haver elementos suficientes para a elaboração de uma teoria compreensível sobre a aprendizagem de adulto, esses elementos estavam dispersos e necessitavam de uma unificação teórica. Entre 1940 e 1950 esses princípios foram esclarecidos, reelaborados e incorporados à uma explosão de conhecimentos oriundos de várias disciplinas das ciências humanas. A Psicoterapia, por exemplo, foi uma das ciências que mais contribuíram para a Andragogia. Isto porque os psicoterapeutas estão voltados essencialmente para a reeducação e em especial da população adulta. A seguir alguns dos nomes de destaque nessa ciência e seus enfoques:

Sigmund Freud, apesar de não ter formulado uma teoria específica de aprendizagem, muito contribuiu com seus estudos sobre o "subconsciente e comportamento". Seus conceitos sobre ansiedade, repressão, fixação, regressão, agressão, mecanismos de defesa, projeção e transferência (bloqueando ou motivando a aprendizagem) têm sido objeto de discussão na formulação da teoria de aprendizagem.

Carl Jung, com sua visão holística, forneceu um grande suporte para a Andragogia, ao introduzir a noção da consciência humana possuir quatro funções, ou quatro maneiras de extrair informações das experiências para a internalização da compreensão: sensação, pensamento, emoção e intuição.

Erick Erikson estudou sobre as "oito idades do homem" para explicar os estágios do desenvolvimento da personalidade humana. As três últimas ocorrem na fase adulta:

1. Oral-sensorial (confiança x desconfiança)
2. Muscular-anal (autonomia x vergonha)
3. Locomoção-genital (iniciativa x culpa)
4. Latência (labor x inferioridade)
5. Puberdade e adolescência (identidade x confusão de papéis)
6. Jovem adulto (intimidade x isolamento)
7. Adulto (geração x estagnação)
8. Estágio final (integridade x desespero)

Abraham H. Maslow enfatizou o papel da segurança no processo de crescimento. "A pessoa sadia interage, espontaneamente, com o ambiente, através de pensamentos e interesses e se expressa independentemente do nível de conhecimento que possui. Isto acontece se ela não for mutilada pelo medo e na medida em que se sente segura o suficiente para a interação." (Maslow, 1972, pp. 50-51)

Carl R. Rogers, talvez o psicoterapeuta mais específico na educação de adultos, enfatiza que *em geral, terapia é um processo de aprendizagem*. Ele desenvolveu dezenove proposições para a teoria da personalidade e comportamento, baseado nos estudos da terapia do adulto. Com isto ele fez um paralelo entre *ensino centrado no estudante* e *terapia centrada no cliente*. Para Rogers *não podemos ensinar diretamente outra pessoa; podemos, apenas, facilitar sua aprendizagem*. (Rogers, 1951, p.132) *Uma pessoa aprende, significativamente, somente aquelas coisas que percebe estarem ligadas com a manutenção, ou ampliação da estrutura do seu eu* (Ibid., pp.388-391).

Estes pesquisadores, dentre muitos outros, deram o suporte para o desenvolvimento da Andragogia como ciência da educação de adulto, que, a partir de 1949, foram integradas numa moldura, através das publicações de Harry Overstreet's *The Mature Mind*, e continuaram com as publicações de Malcolm Knowles *Informal Adult Education*, em

1950, Edmund Brunner's *Overview of Research in Adult Education*, 1954, J.R. Kidd's *How Adults Learn*, 1959, J.R. Gibb's, *Handbook of Adult Education in the U.S.*, 1960, e Harry L. Miller's *Teaching and Learning in Adult Education*, 1964.

2. No princípio era Pedagogia

Malcolm Knowles conta no seu livro, *The Adult Learner a Neglected Species*, que começou na tentativa de formular a Teoria de Aprendizagem de Adultos em 1950. Mais tarde, em 1960, pela primeira vez, teve contato com a palavra **Andragogia** através de um educador yugoslavo, que participava de um *Workshop* de Verão na Universidade de Boston. Foi então quando ele entendeu o significado da palavra e a adotou como a mais adequada para expressar a "**arte e ciência de ajudar adultos a aprenderem**".

Quando Dr. Knowles começou a construir o modelo andragógico de educação, ele o concebeu como a antítese do modelo pedagógico: "Andragogia x Pedagogia". Os pressupostos da Pedagogia baseiam-se nos princípios de ensinar e aprender introduzidos no Século VII. Mais tarde a escola secular começou a se organizar dentro do mesmo modelo, dando origem à Escola Pública no Século XIX. Desta forma todo o sistema educacional, incluindo a educação de alto nível, ficou congelada dentro do modelo pedagógico.

Segundo a análise de Knowles, o modelo pedagógico preconiza total responsabilidade do professor para as decisões sobre o que será ensinado, como será ensinado e se foi aprendido. É a educação dirigida pelo professor, deixando para o aprendiz apenas o papel de submissão às suas instruções. Isto porque suas premissas, a cerca do aprendiz, resumem-se em:

1. *A necessidade de conhecer.* Aprendizes necessitam saber somente o que o professor tem a ensinar, se eles querem ser aprovados; eles não precisam saber o como aplicarão o ensinamento em suas vidas.

2. *O autoconceito do aprendiz.* O conceito do professor sobre o aprendiz é o de uma pessoa dependente, por isto, o autoconceito do aprendiz se torna o de personalidade dependente.

3. *O papel da experiência.* A experiência do aprendiz tem pouco valor como fonte de aprendizagem; a experiência considerada é a do professor, do livro didático, do escritor e dos recursos audiovisuais. Por isto, técnicas de transmissão - leituras, dever de casa, etc., são a essência da metodologia pedagógica.

4. *Prontidão para aprender.* Aprendizes estão prontos para aprender o que o professor determina que eles devem aprender, se eles querem passar de ano.

5. *Orientação para aprendizagem.* Aprendizes têm a orientação de aprendizagem voltada para disciplinas; eles vêem o aprendizado como uma aquisição de conteúdos. Por isto, as experiências de aprendizagem são organizadas de acordo com a lógica de conteúdo programático.

6. *Motivação.* Aprendizes são motivados a aprenderem através de motivadores externos, tais como notas, aprovação/reprovação, pressões dos pais, etc.

3. As premissas Andragógicas

Diante dos seis pressupostos pedagógicos mencionados anteriormente, a Andragogia se dispôs a questionar a validade dos mesmos para o relacionamento educacional com adultos. Afinal das contas, o respeito à maioridade da pessoa madura é o ponto fundamental para se estabelecer uma relação de efetiva aprendizagem. Esse respeito passa pela compreensão de que **o adulto é sujeito da educação** e não o objeto da mesma. Daí a inconveniência do professor como principal referência da relação educacional e a fonte do conhecimento a ser depositado no reservatório do aprendiz, o que Paulo Freire denomina de "Educação Bancária". O indivíduo que intenciona trabalhar na educação de adultos tem que, antes de tudo, ser humilde para descer do pedestal da sua cátedra e se estabelecer no mesmo plano de aprendizagem, para, numa mútua relação de compartilhamentos, se desenvolver com o aprendiz.

Considerando, portanto, que o aprendiz adulto interage diferentemente da criança na relação educacional, as premissas pedagógicas mencionadas anteriormente, devem ser substituídas pelas Andragógicas nos seguintes termos:

1. *Necessidade de conhecer.* Aprendizizes adultos sabem, mais do que ninguém, da sua necessidade de conhecimento e para eles o como colocar em prática tal conhecimento no seu di-a-dia é fator determinante para o seu comprometimento com os eventos educacionais.

2. *Autoconceito de aprendiz.* O adulto, além de ter consciência de sua necessidade de conhecimento, é capaz de suprir essa carência de forma independente. Ele tem capacidade plena de se autodesenvolver.

3. *O papel da experiência.* A experiência do aprendiz adulto tem central importância como base de aprendizagem. É a partir dela que ele se dispõe, ou se nega a participar de algum programa de desenvolvimento. O conhecimento do professor, o livro didático, os recursos audiovisuais, etc., são fontes que, por si mesmas, não garantem influenciar o indivíduo adulto para a aprendizagem. Essas fontes, portanto, devem ser vistas como referenciais opcionais colocados à disposição para livre escolha do aprendiz.

4. *Prontidão para aprender.* O adulto está pronto para aprender o que decide aprender. Sua seleção de aprendizagem é natural e realista. Em contrapartida, ele se nega a aprender o que outros lhe impõe como sua necessidade de aprendizagem.

5. *Orientação para aprendizagem.* A aprendizagem para a pessoa adulta é algo que tem significado para o seu di-a-dia e não apenas retenção de conteúdos para futuras aplicações. Como consequência, o conteúdo não precisa, necessariamente, ser organizado pela lógica programática, mas sim pela bagagem de experiências acumuladas pelo aprendiz.

6. *Motivação.* A motivação do adulto para aprendizagem está na sua própria vontade de crescimento, o que alguns autores denominam de "motivação interna" e não em estímulos externos vindo de outras pessoas, como notas de professores, avaliação escolar, promoção hierárquica, opiniões de "superiores", pressão de comandos, etc.

4. Princípios Andragógicos

O conceito de adulto que defendermos é, de forma simplificada e resumida: **indivíduo maduro o suficiente para assumir as responsabilidades por seus atos**

diante da sociedade. Entretanto, a maturidade humana apresenta uma certa complexidade para a definição dos seus limites e por isso varia de cultura para cultura.

Para a elaboração de um conceito mais completo e objetivo devemos considerar, pelo menos, quatro aspectos da capacidade humana: sociológico, biológico, psicológico e jurídico.

A capacidade sociológica diz respeito aos padrões que a sociedade estabelece para reconhecer a independência do indivíduo para assumir sua responsabilidade produtiva. É relacionada, portanto, ao plano econômico.

A capacidade biológica refere-se à potencialidade de reprodução da espécie. Essa fase é marcada pela puberdade, ou seja o menino é capaz de ejacular e a menina de menstruar, o que anuncia a maturidade física, e conseqüente capacidade de procriação.

A capacidade psicológica está ligada à independência psíquica do indivíduo. É caracterizada pela competência auto-administrativa, que permite o indivíduo estabelecer seu próprio equilíbrio, resultante dos conflitos cognitivos que são gerados pelas forças dissonantes e consonantes do seu processo mental.

A capacidade jurídica é relacionada às normas legais para o relacionamento público do cidadão. Nessa esfera ele é considerado apto ou não para responder por seus atos que, por ventura venham a infringir os padrões morais de convivência social.

Expandindo o conceito de adulto que apresentamos anteriormente, de acordo com as quatro capacidades definidas acima, poderíamos recolocá-lo da seguinte forma:

Adulto é aquele indivíduo que ocupa o *status* definido pela sociedade, por ser maduro o suficiente para a continuidade da espécie e auto-administração cognitiva, sendo capaz de responder pelos seus atos diante dela.

Concluindo a discussão sobre a definição do ser adulto, é importante frisar que não podemos divorciar tal conceito do contexto social, sob o risco de sua alienação, uma vez que é o acordo entre os indivíduos da sociedade que estabelece o padrão de vida comunitária. Daí o conceito poder variar de sociedade para sociedade.

Uma vez estabelecido o que entendemos por ser adulto, podemos, a seguir, refletir nos princípios que devem nortear o relacionamento com a pessoa madura. Elaboramos quatorze princípios, em apologia aos 14 pontos de Deming, para expressar a essência da Andragogia, ao mesmo tempo em que fornecemos um referencial objetivo para o relacionamento de cunho educacional na organização.

Princípio 1

O adulto é dotado *de consciência crítica e consciência ingênua*. Sua postura pró-ativa ou reativa tem direta relação com seu tipo de consciência predominante.

Princípio 2

Compartilhar experiências é fundamental para o adulto, tanto para reforçar suas crenças, como para influenciar as atitudes dos outros;

Princípio 3

A relação educacional de adulto é baseada na interação entre **facilitador e aprendiz**, onde ambos aprendem entre si, num **clima de liberdade e pró-ação**.

Princípio 4

A negociação com o adulto sobre seu interesse em participar de uma atividade de aprendizagem é chave para sua motivação;

Princípio 5

O centro das atividades educacionais de adulto é na aprendizagem e jamais no ensino;

Princípio 6

O adulto é o agente de sua aprendizagem e por isso é ele quem deve decidir sobre o que aprender;

Princípio 7

Aprender significa adquirir: Conhecimento - Habilidade - Atitude (CHA); O processo de aprendizagem implica na aquisição incondicional e total desses três elementos.

Princípio 8

O processo de aprendizagem do adulto se desenvolve na seguinte ordem: Sensibilização (motivação) - Pesquisa (estudo) - Discussão (esclarecimento) - Experimentação (prática) - Conclusão (convergência) - Compartilhamento (sedimentação);

Princípio 9

A experiência é o melhor elemento motivador do adulto. Portanto, o ambiente de aprendizagem com pessoas adultas é permeado de liberdade e incentivo para cada indivíduo falar de sua história, idéias, opinião, compreensão e conclusões;

Princípio 10

O diálogo é a essência do relacionamento educacional entre adultos, por isso a comunicação só se efetiva através dele;

Princípio 11

A praxis educacional do adulto é baseada na **reflexão e ação**, conseqüentemente os assuntos devem ser discutidos e vivenciados, para que não se caia no erro de se tornar **verbalistas** - que sabem refletir mas não são capazes de colocar em prática; ou **ativistas** - que se apressam a executar, sem antes refletir nos prós e contras.;

Princípio 12

Quem tem capacidade de ensinar o adulto é apenas Deus que conhece o íntimo da pessoa e suas reais necessidades. Portanto se você não é Deus, não se atreva a desempenhar esse papel!

Princípio 13

O professor tradicional prejudica o desenvolvimento do adulto, pois coloca-o num plano inferior de dependência, reforçando, com isso, seu indesejável comportamento **reativo** próprio da fase infantil;

Princípio 14

O professor que exerce a "Educação Bancária" - depositador de conhecimentos - cria a pernicioso relação de "Opressor & Oprimido", que pode influenciar, negativamente, o modelo cognitivo do indivíduo pela vida inteira.